Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3091unse

NO XXX — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Outubro de 1954 — N. 9

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF CONGRESS
NOV 1 5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

3 de Outubro . . . . . *Redação*
Padre Espírita . . . . . *Major Levino C. Wischral*
Delfina da Cunha . . . . . *Ismael Gomes Braga*
O Espiritismo e a Evolução Geral *Deolindo Amorim*
Livros... Livros a mancheias . . . *Leopoldo Machado*
Uma criança que advinhou a própria morte . . . . . *Spártaco Banal*
Os Fenômenos Espíritas . . . . *João Leão Pitta*
D. Gracinda Batista . . . . . *Redação*
Livros e Autores . . . . . *Leopoldo Machado*
A Unidade Religiosa . . . . . *Genesio Nitrini*
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

Aos nossos assinantes

Avisamos aos nossos prezados assinantes que, em virtude dos novos níveis de salário e do aumento do preço da matéria prima, somos forçados a aumentar o preço da assinatura de «Revista Internacional do Espiritismo» do próximo ano em diante, isto é, a começar de Fevereiro de 1955. O preço será o seguinte: cr.$60,00, porte simples, e cr.$70,00, porte registrado, assinatura anual.

Tratando-se de uma medida justa que visa a manutenção de «Revista Internacional do Espiritismo», em benefício da propaganda, estamos certos de que os nossos prezados assinantes estarão de pleno acôrdo conosco, nos auxiliando no prosseguimento da obra que não é nossa, e sim do Alto.

A REDAÇÃO.

Interpretação Sintética do Apocalipse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALÍPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço: cr.$ 10,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

ANO XXX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Outubro de 1954 — NUM. 9

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

3 DE OUTUBRO

UM dos mais notáveis acontecimentos registrados na História do Espiritismo, que é tão velho quanto o Universo, porque representa a Lei de Deus, é a data do nascimento do seu Codificador, Léon Hyppolite Denizard Rivail, (Allan Kardec), fato êste verificado no dia 3 de Outubro de 1804, em Lion, França.

Foi nesse dia que começou a cumprir-se a Promessa de Jesus: «Eu vos tenho falado estas cousas, estando ainda convosco; mas o Paracleto, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, êsse vos ensinará todas as cousas e vos fará lembrar de tudo o que eu vos disse».

Allan Kardec foi o primeiro membro da Falange do Parácleto destacado para cumprir, junto com os seus companheiros do lado de lá, a Promessa de Jesus. Portanto, o dia 3 de Outubro tem um significado tão importante como o dia 25 de Dezembro, que assinala o aniversário do nascimento de Jesus.

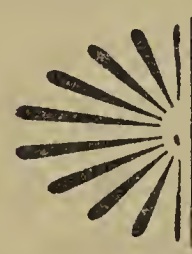
A humanidade ainda não sabe dar o devido valor a êste excelso missionário, porque está envolta nas densas trevas da materialidade. Jesus também não entrou nas graças dos saduceus, dos fariseus e dos sumos sacerdotes, que estavam tão cegos de espírito que não consideravam nem mesmo os chamados milagres, oriundos da cura de enfermidades. Dar vista aos cegos de nascença, fazer andar paralíticos, multiplicar pães e peixes, ressuscitar mortos, etc., era, para êles, um caso sem importância, porque estavam agarrados às cousas do mundo. Poucos acompanhavam de verdade o Mestre além dos seus discípulos. O mesmo está acontecendo com o Espiritismo. Poucos são os que o seguem de verdade. Assim como os Apóstolos e seguidores de Jesus eram perseguidos pelos sumos sacerdotes, fariseus e saduceus, assim também o Espiritismo e os espíritas estão sendo perseguidos, e pela mesma casta, que só se distingue no rótulo, mas os processos usados são os mesmos.

Faz precisamente um século e meio que Allan Kardec nasceu. A Doutrina que êle codificou espalha-se rapidamente apesar dos ataques e perseguições dos seus terríveis contraditores. Sobretudo no Brasil que é, segundo os Espíritos do Senhor, a «Patria do Evangelho e o Coração do Mundo», o Espiritismo cresce em todos os sentidos, graças à reprodução dos fenômenos psíquicos, às obras de caráter social e aos espíritos, que atuando sôbre as criaturas, as obrigam a procurar Centros, Instituições e Sanatórios Espíritas, onde encontram a verdade e a cura dos seus males psíquicos.

Êste aniversário natalício de Allan Kardec veiu encontrar o mundo seriamente conturbado. O remédio para a cura dessa situação já está no mundo A solução dos magnos problemas humanos já nos foi dada há quasi dois mil anos: o Cristianismo, agora revivificado e ampliado à luz do Espiritismo.

Com êste pequeno artigo queremos prestar uma homenagem a Allan Kardec por motivo do seu 150.° aniversário natalício, solicitando-lhe amparo no prosseguimento da nossa tarefa, que é pregar o Cristianismo à luz do Espiritismo.

Salve, Allan Kardec!



PADRE ESPÍRITA

Major Levino Cornélio Wischral

Não espere, leitor amigo, neste artigo a narração de algum escandaloso caso de apostasia tão a gosto de religiosos exaltados.

Não é isso; e, para desfazermos essa primeira impressão, preferimos iniciar como nos velhos contos infantís... Era uma vez um bondoso e indulgente padre, digno de ser tomado como modêlo, especialmente por aqueles que se dizem seguidores de Jesus.

Vivia numa cidade antiga, de aspecto colonial, na faixa litorânea do Paraná, votado ao ostracismo, no entanto, dedicava êle extraordinário zêlo à elevação espiritual de seu rebanho. Seu lar e sua paróquia eram uma vestuta e melancólica igreja com vestígios de passado esplendor.

Mesmo decorridos alguns anos de sua morte ainda as recatadas beatas, os respeitáveis anciões e até as moças casadouras não se cansavam de elogiar o singular proceder dêsse grande diretor espiritual. Até hoje os bons caipiras descobrem-se reverentes quando alguém recorda os exemplos dêsse íntegro sacerdote tão diferente aliás de quantos tenham pisado aquela região.

Chamemo-lo padre Eliseu ou simplesmente Eliseu.

Sua história como espírito através dos árduos caminhos da evolução é deveras impressionante. Por ocasião de nosso primeiro contato, vemo-lo num longinquo passado, em plena idade média, arrastando-se dolorosamente de encarnação em encarnação trajando, algumas vêzes, as vestes de juiz, soberbo e corrupto, alternado dos hábitos de orgulhoso e hipócrita sacerdote; em ambos os casos porém, presidindo continuamente os lúgubres processos da inquisição espanhola que a milhares de cristãos arrastou aos crueis instrumentos de suplício e às solenes fogueiras, atrativo de insano poviléu.

Pela misericórdia de Deus os indulgentes mestres karmicos das esferas espirituais situavam invariavelmente a Eliseu nas mais dignas posições ao nascer entre os homens. Eram-lhe, é bem

verdade, propiciadas vidas bem penosas destinadas porém a oportunos e rápidos resgates de inúmeros crimes de encarnações transatas. Contudo, impulsionado pelo livre arbítrio, Eliseu preferia imantar-se, de modo irresistivel à paisagem dêsses nefandos tribunais.

Com a extinção das satânicas máquinas de torturas vamos encontrar Eliseu em tempos menos recuados, vivendo períodos de indescritiveis misérias físicas e morais, era indício de sua remissão feliz. Em Espanha, encarnou tomando por diversas vezes o corpo de execrável monstro atrofiado dos membros e do cérebro que tão diabólicos foram. Seus amortecidos olhos apenas sabiam fixar as próprias mãos mirradas como para condená-las por tantos delitos praticados. Eliseu era tratado com hipócrita piedade. Inexplicavelmente, às pressas, se descartavam dêle como venenoso e nojento verme. Ligada à história de Portugal comove-nos ver Eliseu; avistamo-lo em Pôrto e Lisboa durante longas encarnações expiatórias sempre votado ao desprêzo, vindo por isso a morrer de fome e de sede. Nesse país teve três vidas de extrema miséria; todos fugiam de Eliseu, pois a lepra devorava suas carnes; chegaram a apredreja-lo «para não padecer tanto». Enfim, para completar seu lúgubre rosário de expiações pediu Eliseu que seu anjo de guarda o amparasse, nas próximas provas, com especial carinho, pois teria que tomar durante mais algumas encarnações um corpo disforme, de fisionomia horrenda, manêta e mudo ao mesmo tempo. Seu karma previa mortes violentas; teria que ver calcinado seu próprio corpo pelas chamas para recordar e sentir as labaredas que seus olhos satisfeitos apreciavam outrora naquelas fogueiras vivas do Santo Ofício. Poucos são os espíritos que tanto sofreram!

A lei de causa e efeito é inexorável e assim Eliseu, como todos nós, colhia profundamente amargurado os frutos de sua imprudente semeadura.

Agora, refeito na sua pureza inicial, vemo-lo na aurora do ano 1870. Do plano espiritual era Eliseu observado com particular satisfação, pois de sua alma se irradiava muita luz. A justiça de Deus fôra integralmente cumprida através da bendita medicina representada pela dor e pelo sofrimento.

Lá estava o candidato ao último reencarne alegre e esperançoso numa colonia espiritual, tipo «Nosso Lar», em preparativos para receber seu corpo físico a título de recompensa pela resignação com que resgatara suas dívidas. Lá o viamos, agora, nos gabinetes de remotovisão, com vistas a fortalecimento de futuras missões a apreciar e examinar, sôbre tela viva, as suas últimas existências projetadas naquele momento como autêntico cinema.

Julgado apto ao reencarne vamos acompanhar Eliseu na floresta humana, novamente nas vestes sacerdotais em nossa Capital Federal, inteiramente dedicado a sagrada promessa de extremo amor ao próximo. Desta vez sua fisionomia espelhava humildade, seus sentimentos eram elevados e puríssimos, não mais aninhava em seu coração a hipocrisia, a vaidade e o orgulho. Agora iria Eliseu burilar as últimas arestas de sua alma. Assim, ao entrar para a prática sacerdotal foi logo posto à margem e apontado como simplório e de pouca aparência; no entanto, sua aura irradiava luminosidade sem igual entre seus pares. Nessa contingência foi Elizeu relegado a cidades do interior e mais tarde a vilas distantes onde sua humildade não pudesse empanar as pompas e os aparatos litúrgicos. Dessa estranha maneira foi o nosso personagem ajustado no devido lugar pela incompreensão de seus superiores. Tudo seguia como fôra esboçado antecipadamente no seu programa karmico,

Por onde passasse êsse digno sacerdote, deixava atrás de si um sulco luminoso que atraia das trevas legiões de espíritos sofredores, ignorantes, êles mesmos, já terem morrido em seus corpos físicos. Êle os atraia e, conscientemente os levava, como bom pastor, à sua modesta capela frequentada também por aqueles bons caipiras e pelas veneráveis matronas. Alí o cura acomodava os seus irmãos invisíveis; doutrinava-os dentro dos ensinos de Jesus facilitado pela excepcional clarividência que possuia. O recinto do templo, vasio aos nossos olhos acomodava, no entanto, naqueles toscos bancos centenas de espíritos absortos e enlaçados na suave claridade que se desprendiado sacerdote. Todos eram enlevados e sentiam o encanto de um inexplicável bem

estar. Ali estavam reunidos, como circunspetos atores teatrais, os seus velhos comparsas ligados a tragédias distantes da inquisição. Pela bondade de Deus, e após muitos séculos, alí reuniam-se diariamente os responsáveis pelo atraso moral em que se encontrava o nosso mundo para serem esclarecidos e doutrinados por aquele que na inquisição fora seu chefe. Trajavam ainda as estravagantes vestimentas características da idade média, pois, inacreditavelmente viviam, ainda agora, com toda a intensidade àquela recuada época. Eliseu, seu antigo chefe, reconhecia-os um por um e os infelizes sofredores também chegaram a reconhecê-lo, perplexos porém, pois, era-lhes impossível atinar como se dera tão rápida mudança de «gênio do mal», de que se vangloriava, para as vestes luzidias de «santo».

Por muitas vezes, naquela cidade litorânea, era visto Elizeu a «falar com os bancos» de sua igreja, como diziam os que da porta lhe ouviam o sermão. Era tido como insano, entretanto, do Alto nunca lhe faltavam as bençãos em forma de intenso feixe de luz. Pela clarividência, aliado à sua grande experiência, tornou-se o melhor doutrinador de espíritos. O amor, a caridade e, especialmente, o perdão eram os temas prediletos e difundidos nessa sua invisível escola. Após longo aprendizado eram seus pupilos conduzidos pelo próprio padre, quando de seus transportes espirituais, às dependências reencarnacionistas do plano espiritual.

Para Eliseu a vida era por demais simples sem complicações. A propósito da ridícula intolerância religiosa dizia, sem rodeios, que religião é apenas sinônimo de Amor, é ser bondoso para com todos e nada mais. Estimava com o mesmo afeto a católicos, ateus, protestantes, judeus e a espíritas; para êle sim, todos eram verdadeiros irmãos como Jesus ensinava.

Sempre que era procurado por algum necessitado ou indigente apontava invariavelmente com ares de reserva um albergue espírita situado bem defronte de sua igreja. Ao indicar aquela casa de caridade, Eliseu já esperava ouvir algo escandalizado como de outras vezes: «Mas padre, eu não sou espírita — Deus me livre!» Ao que êle esclarecia com meiguice: «Vá meu filho, lá não perguntam qual a tua religião, vá, terás cama, comida e tratamento de filho pródigo.»

Para os bons caipiras Eliseu era um verdadeiro Deus. Para exprimir alguma gratidão os caboclos costumavam tocar de leve com a ponta dos dedos a surrada aba do chapeu de palha enquanto exclamavam satisfeitos: «Eta coração de ouro!»

Realmente era um deusinho, pelo menos quanto à tolerância, pois, vejam só, pontualmente, uma vez por semana, reunia as esmolas levadas à sua capela e, bem às ocultas, protegido pela noite, ia ao albergue de fronte e rápido fazia deslizar sob a porta o envelope dobrado contendo seu auxílio.

Êle apenas recebia para dar, nada tinha. É interessante assinalar que quanto mais dava mais recebia. Nunca outros souberam o que fez sua mão direita. A caridade de Eliseu era vista pelos espíritos com especial enternecimento. Como gratidão êles encaminhavam através das mais enigmáticas vias os recursos de que necessitava. Do plano espiritual podia-se observar como as boas criaturas eram inspiradas para a visitação da igreja de aparência tão convidativa. Após apreciarem os belíssimos quadros murais, de afamado pintor do século dezoito, e, depois de agradáveis momentos de meditação, podia-se perceber como os irmãos espirituais induziam aqueles romeiros a deitarem suas oferendas no cofre. Com que espontâneidade tudo isso era feito e com que facilidade atendiam as criaturas evoluidas às sugestões do Alto! Pouco conhecemos dessas silenciosas mensagens que impulsionam os homens à prática do bem.

Os sermões de Eliseu eram tão magníficos e oportunos que atraiam enorme assistência, vinda até mesmo de cidades vizinhas. No púlpito êle se transfigurava; parecia iluminado pelo próprio Cristo, particularmente quando ensinava o Evangelho. Vejamos algumas expressões que costumava desenvolver magistralmente durante o sermão. Assim dizia: «Cada qual receberá indulgências plenárias, porém, dos Céus, como auxílio pela bondade, honestidade e sinceridade com que se conduzir na sociedade, tão só nesses casos. O perdão só existe se concedido pelo ofendido; nem Deus

perdôa, Êlê nos dá, isso sim, oportunidades amplas para repararmos a harmonia violada; não procureis o indulto no confessionário e nem em outro lugar qualquer, procurai-o em vossos corações. Enquanto houver um necessitado, queixoso ou aflito ao vosso redor não podeis compreender a felicidade. O homem só será bom se for simples e humilde como Aquele que nasceu na manjedoura de Belém. O pomposo ritual e o cerimonial luxuoso acorrentam o homem ao estacionamento e a inútil contemplação.» Eis uma pequena amostra dos temas que costumava desenvolver com mestria.

Quando padre Eliseu percebia que levavam maços de velas à igreja êle não resistia a vontade de ensinar, rogava então que transformassem aquelas velas em livros para iluminação e aprimoramento de seus corações.

Os fieis de Eliseu eram instruidos de modo tão diferente que no cérebro dos ouvintes pairavam as mais desconexas interrogações. Seria êle, pensavam uns, espírita ou sectário de alguma nova doutrina? Outros, simplesmente, taxavam-no de protestante e outros ainda de extremista, todos, contudo, o ouviam com veneração e tentavam praticar seus conselhos. Eram almas amadurecidas e saturadas pela rotina e agora absorviam ávidas essas verdades maiores. Assim ia transformando corações indiferentes em almas ativas e amorosas. Eliseu era realmente um missionário de Deus! Centenas de ovelhas desgarradas pela ineficência religiosa êle conseguiu reconduzir ao aprisco divino.

Aqui deixamos o relato do padre espírita como exemplo digno de ser imitado pelos espíritas.

Delfina da Cunha

Em 5 de Julho de 1954 tomou parte na sessão da Cabana de Canagé um jovem cego, aluno do Instituto «Benjamin Constant», que raramente visita a Cabana. Pouco antes da chegada dêsse talentoso jovem, pela mão da médium Dolores Bacelar foram escritos os seguintes sonetos:

A CEGA

A quem o meu nome fôr desconhecido,
Vá à gaúcha terra onde eu nasci,
E alguém talvez dirá: «Sim, foi aqui
Que ela veiu à luz num dia florido...»

E eu vos direi, também: «Sim... foi alí,
Que, órfã de pais, sózinha, olhar ferido,
Num dia longo, sem luz, ressequido,
O Calvário até o ápice atingi...»

Sou aquêle infeliz ser que o destino,
Nas partilhas dos bens, dêle esqueceu...
Sim, fui dos párias que o mundo ferino,

Venturas e alegrias sempre nega...
Delfina da Cunha era o nome meu,
Mas só me conheciam como «A Cega».

* * *

Condenada inda infante à sorte avara,
Minha existência foi triste e sombria...
A luz dos olhos meus, mal despertara,
Roubou-ma cruel, negra epidemia.

Dos festins de Ventura não sobrara
Á mísera cega, órfã de alegria,
Manjar nenhum que torna a vida cara...
Iníqua lhe foi sempre a terra fria.

Tateando nos caminhos da amargura,
Ao tredo Destino, em vão, indagava:
—Que fizeste do meu sol, noite escura?

Prêsa das sombras, sem poder vencê-las,
Pela Terra, só e triste, vagava
Sem luz, sem sol, luar e sem estrêlas...

Delfina da Cunha.

Na mesma sessão outra médium recebeu belo poema dedicado ao jovem visitante cego, mas não nos foi dada cópia. Só nos foram confiados os dois sonetos acima, com o pedido de fazermos indagações no Rio Grande do Sul sôbre a poetisa cega. Pedimos essas informações ao Sr. Alberto Flores, delegado da *Universala Esperanto-Asocio*, e

êle conseguiu obter dados muito completos que aquí resumimos.

O nome todo era Delfina Benigna da Cunha. Nasceu em 17 de Junho de 1791, em S. José do Norte, próximo da cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Era filha do Capitão Joaquim Francisco da Cunha Sá e Menezes, falecido em 1826, e de D. Maria Paula Cunha, falecida em 1833.

Aos 20 mêses de idade Delfina teve varíola e ficou completamente cega.

Faleceu no Rio de Janeiro, em 13 de Abril de 1857.

Eis um de seus escritos em vida:

SONETO

Vinte vezes a lua prateada
Inteiro o rosto seu mostrado havia,
Quando um terrível mal, que então sofria,
Me tornou para sempre desgraçada.

De ver o céu e o sol sendo privada,
Cresceu a par comigo a mágua impía;
Desde a infância a mortal melancolia
Se viu em meu semblante debuxada.

Sensível coração deu-me a natura,
E a fortuna, cruel sempre comigo,
Me negou toda sorte de ventura;

Nem sequer um prazer breve consigo:
Só para terminar minha amargura
Me aguarda o triste, sepulcral jazigo.

Sózinha, cega e sem recursos, sua poesia era triste, traduzindo seu desânimo e desespêro.

Em 1834 publicou um livro oferecido às Senhoras do Rio Grande. Então uma pessoa amiga aconselhou-lhe a pedir auxílio ao Imperador D. Pedro I e ela fez o pedido no seguinte soneto:

Quem te fala, Senhor, quem te saúda,
Não vê raiar de Febo a luz brilhante;
Dá-lhe pio agasalho um breve instante,
Seu fado imigo, em brando fado muda:

A sustentar o pêso assás me ajuda,
De uma vida que à morte é semelhante,
Não chega a ser aflita mendigante,
Quem um tal protetor roga lhe acuda.

E' por ti que eu espero ser contente,
E suponho, Senhor, que não me iludo,
De tua alma a piedade está patente.

Que tenho em Pedro o grande, um for-
[te escudo,
Creio, folgo e afirmo afoutamente,
Que és pai, és benfeitor, és Nume, és
[tudo.

Considerando tratar-se da filha de um militar que prestara relevantes serviços, D. Pedro I concedeu-lhe uma pensão que lhe permitia viver com menos preocupações materiais.

Publicou quatro livros, em 1838, 1840, 1842 e 1846.

O nosso amigo Sr. Alberto Flores conseguiu êsses dados com a preciosa colaboração da Doutora Noemy Rocha, presidente da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, a quem daquí enviamos nossos agradecimentos.

O último dos livros da poetisa cega foi publicado há mais de um século, ou, exatamente, há 108 anos. Ela própria desapareceu do mundo físico há 97 anos e já estava completamente esquecida, mas agora demonstra com os novos sonetos que a morte não existe e que ela continua sendo a brilhante poetisa que já era há mais de um século.

Descendo à Terra para falar a um jovem cego, retomou ela a personalidade da cega, com a mesma tristeza que então sentia; reviveu aquela penosa prova, mas certamente hoje é um Espírito feliz e elevadíssimo, porque já era um grande Espírito quem em plena cegueira revelou tanto talento há mais de um século. Esperemos que Delfina da Cunha reapareça em outras sessões e nos dê suas notícias dos noventa e sete anos decorridos depois de sua desencarnação que coincide em mês e ano com o nascimento da filosofia espírita. Realmente o primeiro livro de Allan Kardec apareceu apenas cinco dias depois da desencarnação dêsse belo Espírito.

Ismael Gomes Braga.

Não basta ser médium para ser espírita. E' preciso seguir o Evangelho com espírito de mansidão e humildade, porque o verdadeiro espírita é reconhecido pelas suas obras de amor e justiça. — JUCA.

O Espiritismo e a Evolução Geral

TODOS os campos do conhecimento humano estão sujeitos, como se sabe, a modificações ou retificações inevitáveis, desde que se faça necessária a substituição de um princípio que não corresponda mais à realidade Se assim não fôsse, não haveria evolução. Se todos os campos de conhecimentos se cristalizassem, permanecessem definitivamente no estado inicial, sem alteração, sem aquisições novas, sem aperfeiçoamento, o mundo continuaria até hoje prêso a concepções antiquadas, e o próprio homem ainda estaria no período primário da História. A renovação das idéias, dos métodos de trabalho, dos processos de relações, da técnica, finalmente, é um fenômeno geral, e é pela renovação constante que se descobrem realidades novas e se melhorem os métodos de trabalho. O Espiritismo, embora não seja uma doutrina de origem humana, porque é de origem espiritual, tanto assim que o seu próprio codificador foi o primeiro a dizer, sensatamente, honestamente que o Espiritismo não é obra de um homem, não poderia, como não pode, fugir à lei geral de evolução. Embora a doutrina espírita, em sua parte substancial, tenha sido ditada por espíritos, a verdade é que o Espiritismo ocupa um lugar definido no quadro geral dos conhecimentos humanos. Isto não quer dizer que êle seja criado pelos homens, mas porque a sua doutrina tem consequências diretas nas relações humanas. Além disto, embora a doutrina seja dos espíritos, quanto a sua origem, ela não veio apenas para os espíritos, veio para o mundo, para os homens. Portanto, a doutrina está no mundo e não fóra do mundo. Se está no mundo, porque ela é necessária ao homem, deve ocupar um lugar no âmbito geral da cultura humana. Tanto isto é verdade que Allan Kardec — por duas vezes — no livro «Gênesis» e no «Livro dos Mediuns» diz claramente que, até certo ponto, o Espiritismo aplica, em sua parte científica, o método comum às outras ciências. Isto quer dizer, portanto, que, em determinados aspéctos, o Espiritismo segue o caminho da indução, partindo dos fatos particulares para as princípios e as leis gerais. E' o método adotado nas ciências experimentais. Kardec não quís, como se vê, deslocar o Espiritismo da metodologia científica, justamente porque, no terreno positivo, isto é, no terreno dos fatos, dos fenômenos objetivos, finalmente, o Espiritismo parte dos meios normais da investigação, tal como o faz a ciência experimental em todos os seus domínios. Há, portanto, um plano em que o Espiritismo, sem perder as suas características, sem se despersonalizar, entra naturalmente, forçosamente, no esquema geral das ciências. Por êste motivo, Allan Kardec, prudentemente, conscientemente, disse que sôbre o Espiritismo já se havia dito a primeira palavra, mas ninguém diria a última palavra, o que não significa, de modo algum, que aquilo já está provado, que já está documentado como acervo de fatos rigorosamente verificados ainda esteja sujeito a dúvidas. Não. Segundo o pensamento de Kardec, que é, aliás, o pensamento de um homem de visão científica, há muita coisa que ainda se ignora, e sómente com o tempo, com a evolução geral, com a iluminação espiritual, é que poderemos, gradativamente, aumentar o patrimônio de nosso conhecimento. Há, porém, realidades que já estão notoriamente confirmadas, há fatos que constituem, há muito, um ponto de certeza no terreno da investigação científica. Há quem diga, por exemplo: ora, o Espiritismo não disse tudo, porque o próprio Allan Kardec proclamou abertamente que ninguem diria a última palavra. E' claro que a última palavra, tanto em Espiritismo como em qualquer outro terreno, jamais poderá ser dita pelos homens, porque a Verdade não se confina dentro de uma religião, de uma doutrina, de um sistema. E' preciso notar, porém, que as bases do Espiritismo, os princípios que êle estabeleceu com fundamento nos fatos, aquilo que forma o lastro científico do Espiritismo não se invalidou até hoje. Nenhuma doutrina, nenhuma pesquisa posterior conseguiu invalidar os fundamentos do Espiritismo. Daqui para o futuro, sim, haverá, ainda, muita coisa a descobrir. E foi neste sentido, sentido exato, portanto, que Allan Kardec senten-

ciou : já se disse a primeira palavra, mas ninguem disse a última. No mundo espiritual há muitos problemas, muitos aspectos que não podem ser compreendidos no estado atual da humanidade. Foi neste sentido que Allan Kardec, sem destruir o que já se fez, sem negar o que já existe, o que já está provado, falou sôbre o conhecimento futuro, que transcende a capacidade humana e está muito além dos instrumentos de investigação de que, até agora, o homem se utilisou.

Esta, aliás, é a regra geral em todos os conhecimentos. Desde o tempo de Aristóteles que a Ciência, tanto no domínio da Física, como da Biologia, como dos outros ramos do saber, vem sofrendo modificações impostas pela realidade, determinadas pela experiência. Aceita-se, hoje, uma teoria, um princípio, como verdade, mas também amanhã, pela experiência, já não se póde aceitar êsse princípio, a não ser que se pretenda fazer da ciência uma construção petrificada ou dogmática. Durante muito tempo, em nome da Ciência, negou-se a existência de micróbio. Entretanto a própria ciência, com a revolução que Pasteur, mais tarde, provocou no campo da Biologia, reconheceu a existência de micróbio e, portanto, ela mesma anulou princípios que até então eram tidos como certos. Aquí mesmo no Brasil, quando o grande Oswaldo Cruz iniciou a campanha de saneamento, houve quem combatesse o plano do glorioso sanitarista patrício justamente porque, ainda naquêle tempo, prevaleciam, na Biologia, certas concepções que, mais tarde, tiveram de cair, por fôrça da experiência. Falar em micróbio, antigamente, em determinados meios científicos, era quasi uma heresia. Entretanto, o que constitúe heresia ou disparate, hoje, é precisamente o contrário, isto é, pretender alguém negar a existência de micróbio. Muitas concepções da Física e de outras ciências também foram modificadas. E' natural que, no campo do Espiritismo, ainda exista um mundo de coisas a ser explorado. Isto, porém, não destrói o que já existe, ou seja, o alicerce da doutrina, os fatos em que ela se firma e sôbre os quais construiu os seus princípios.

Deolindo Amorim.

(Palestra radiofônica no programa «Seleções Espiritualistas» — Rádio Guanabara, Rio de Janeiro).

Livros... Livros a mancheias

Para o espírita estudar...

O Espiritismo exige estudos precisos, metódicos, substanciosos.

Sem estudo substancioso, metódico e preciso, ninguém será espírita de ciência e consciência.

* * *

Os livros estão caros. E o tempo é pouco para os labores diários, inadiáveis...

Contudo, é preciso se reserve, no mínimo, meia hora de leitura por dia, para livros substanciosos da Doutrina...

* * *

A difusão de livros póde ser :

I) *Clube do Livro ;* II) *Livro do Dia ;* III) *Lembrança do Livro ;* IV) *Livros a mancheias ;* V) *Presente de livros ;* VI) *Emprestimo de livros ;* VII) *Festa do Livro.*

I — CLUBE DO LIVRO

a) Forma-se o corpo social de 30 a 50 sócios, pagando de cr. $ 2,00 a 5,00 mensais.

b) Distribuem-se, mensalmente, 1.º, 2.º e 3.º prêmios, livros que importem em 80 % do apurado.

c) Os 20 % que ficam de cada mês, será aplicado em despesa de expediente. O que sobrar, destinado a prêmios de consolação a ser distribuidos entre os que não foram premiados, durante o ano.

d) O sorteio será feito na primeira reunião de conferência do mês. E o livro, entregue festivamente.

O CLUBE DO LIVRO REQUER A ATUAÇÃO DE UM CONFRADE ABNEGADO E DILIGENTE.

II) LIVRO DO DIA

a) Nas reuniões das Mocidades Espíritas sorteia-se, depois, antes da prece final, o LIVRO DO DIA. Volume custeado pelas mensalidades de sócios, por um ou outro sócio e cooperador abnegado.

b) O sorteio póde ser feito contra senhas distribuidas, ou pelas assinaturas no Livro de Presença, numeradas.

c) O beneficiado póde levar, ainda, o autógrafo dos presentes, ou amigos de sua estima particular.

III) — LEMBRANÇA DE LIVROS

a) Nas reuniões de mais velhos, principalmente as de caráter festivo, as conferências, sorteia-se um livro como lembrança entre os presentes.

b) O livro sorteado será custeado pela *Caixa da Tesouraria*, da *Assistência aos Necessitados* ou da *Bibliotéca do Centro*.

IV — LIVROS A MANCHEIAS

a) Durante movimentos festivos, principalmente de moços—*Noite do Moço Espírita*, teatro espiritualista, programas artísticos — procede-se a oportuno derrame de «livros... livros a mancheias...» por sorteios espaçados.

b) Para o sorteio, distribue-se senhas contra cr. $ . . . . entre os espectadores, explicando o animador *a brincadeira* e suas consequências.

c) Se não forem todas as senhas, faz-se, no final do programa, e antes de proceder-se ao sorteio, um leilão das que ficaram, que tanto póde colimar mais ou menos do que se poderia apurar.

d) Durante o *Jornal Falado*, vai-se sorteando, um por um, os volumes.

e) Todo o apurado deve destinar-se a uma instituição de caráter humanitário, ou à própria Instituição.

V — PRESENTE DO LIVRO

a) Um presente de livro, em qualquer circunstância, é coisa que mais agrada a espíritos cultos, quer os que oferecem, quer os que recebem.

b) Presente que deve ser feito em dias festivos, em dias de aniversário, em qualquer dia enfim.

c) Arma-se uma Exposição de livros em dias festivos,—principalmente no *Dia do Livro*. Depois, procede-se ao leilão do livro, levando um confrade a ofertar a outro, um livro com dedicatória. Oferecimento, de preferência, dos mais velhos, como estímulo aos jovens.

VI — FESTA DO LIVRO

a) — A Festa do Livro, realizada a 18 de Abril — que me desvaneço de haver instituido no Brasil, —é a maior homenagem que se póde fazer à cultura, ao Livro, ao egrégio Codificador da DOUTRINA, e à sua Obra.

b) — Espalham-se pedidos de livros com dedicatórias, destinadas à *Festa do Livro*.

c) — Com os volumes recebidos, arma-se uma Exposição de Livros, original, no salão da festa, nas vitrinas de livrarias, em lugares apropriados.

d) — Organiza-se uma grande tômbola de livros espíritas, para serem sorteados, no dia 18. Tômbolas com muitos bilhetes prêmios.

e) — A distribuição de livros com dedicatória, no ato festivo, que poderá ser graciosamente, como prêmio de números de arte, ou arrematados, deve levar ao beneficiado, se os recebeu graciosamente, a obrigação moral de agradecê-lo ao ofertante, começando, assim, uma boa amizade.

f) — No programa festivo deve haver farto derrame de «livros... livros a mancheias...» entremeando números de doutrina, de arte espiritualista, de jornal falado, etc., etc., etc.

g) — E principalmente às nossas «afinidades» presentes à festa.

VII — BIBLIOTECAS RESERVADAS

Todo centro espírita bem organizado deve ter sua biblioteca, embora, até o presente, as bibliotecas das sociedades espíritas tenham sido ponto morto no seu movimento.

Mas, já é tempo de animá-las, de revivê-las.

a) — Biblioteca de livros para serem lidos, vendidos, sorteados, etc., etc.

b) — Biblioteca, cujos sócios do Centro possam retirar os volumes por emprestimo, contra uma senha, assinada, com dias marcados para os ler...

c) — E que venda, a prestação, os volumes que os sócios desejem obter.

Palavras finais:

I) Tudo que se puder fazer a beneficio da difusão do livro é obra das mais meritórias feitas à Doutrina.

II) Na distribuição de livros, a entidade social que os distribue aufere, principalmente, as seguintes vantagens:

a) Realização de excelente propaganda dela mesma, do livro e da Doutrina;

b) Força, por assim dizer, a leitura de muitos livros, que só assim, talvez fossem lidos;

c) Contribuição para que muitas obras e seus autores sejam, assim, conhecidos;

d) Leva muita gente a presentear amigos e receber presentes de livros;

e) Mantem constante propaganda da Doutrina, do livro e da própria instituição, etc., etc., etc.

f) Boa percentagem em dinheiro para a manutenção de seu programa.

Leopoldo Machado.

Uma criança que advinhou a própria morte

A teoria do Espiritismo dia a dia mais se impõe perante o mundo, visto que ela soluciona satisfatoriamente, todos os fenômenos que se prendem ao espírito.

Os fatos espíritas, antes da «Nova Revelação», não eram compreendidos pelos homens, e a idéia que dêles faziam era pura e simplesmente infantil; hoje, porém, só desconhece a origem dêsses casos, aquêle que não se interessa pelo conhecimento da vida espiritual.

Ultimamente, a multiplicidade de fatos provocados pelos espíritos, em toda parte do mundo, tem despertado a atenção de milhões de criaturas, ávidas de conhecer o porquê do fato.

O resultado final a que chegaram os homens de estudo, aceitando a teoria espírita, justifica o abandono dos antigos sistemas doutrinários, hoje postos à margem por absurdos e insustentáveis, visto como as elucidações dadas por aqueles que, melhor do que nós, sabem da verdade, são claras, positivas e, portanto, irrecusáveis.

Assim, o fato que abaixo citamos, sob a epígrafe acima, dado à publicidade pelo «Diário de Notícias», de 10 de Outubro de 1945, só pode ser compreendido admitindo a teoria espírita. Há pessoas que possuem a mediunidade de pressentimentos, isto é, têm o dom de receber comunicados ocultos dos espíritos, atinentes a fatos que ocorrerão futuramente. Estes médiuns podem ser conscientes ou inconscientes da sua faculdade, dependendo do conhecimento que possuam das coisas espirituais.

O fato é como segue:

— «Uma criança, filha do sr. Elisiário José Neto e da sra. d. Bela Beatriz Varizo, que se encontrava em casa de seu tio, o padre Anibal Varizo, teve, dias antes de falecer, a previsão da morte.

Apesar de estar de saúde, pelo menos nenhuma doença se lhe declarava, mediu a sua altura, para seu avô materno, que é comerciante, comprar uma urna que lhe servisse. O pedido era estranho e aos parentes pareceu injustificado. Mas foi tão grande a sua insistência, que lhe fizeram a vontade.

Compraram-lhe a urna em que ela foi a enterrar».

—Fatos desta natureza se repetem sucessivamente, por toda parte do mundo.

Não há muito tempo o ator cinematográfico mundialmente conhecido, John Barrymore, também predisse a sua morte no dia 30 de Maio de 1942. O mais interessante é que, esta previsão foi anunciada, quando ainda vivo, numa sessão espírita. Possivelmente, nesta ocasião, o grande artista estava dormindo, enquanto o seu espírito predizia, na referida sessão, a sua morte.

Os casos da previsão da morte, posto que já sejam do conhecimento mundial, nunca é demais insistir na sua mais ampla divulgação, afim de que os cegos possam abrir os olhos da razão e os ouvidos do entendimento à voz da Verdade Espírita.

Spártaco Banal.

Deus experimenta a fé dos seus servos através dos sofrimentos para ver se estão em condições de assumirem novas responsabilidades em novas tarefas. — Lucipaz.

Os Fenômenos Espíritas

João Leão Pitta

Os fenômenos espíritas, existem desde a aparição do homem na terra. Na Bíblia, encontramos um espírito repreendendo Caim, por ter assassinado Abel. Noé, é avisado por um espírito que lhe anuncia o diluvio e ensina a construir a arca. A Abraão, aparece um espírito ordenando-lhe mudar o nome de Abrão para Abraão e a sua mulher de Sarai para Sára; de outra vez, o espírito mandou-o mudar de residência; em outra ocasião, anunciou-lhe o nascimento de um filho, embora sua mulher contasse 90 anos. Quando o menino estava com 12 anos, um espírito manda Abraão imolar o filho no monte da visão. Quando Abraão ia sacrificar o filho, um espírito segura-lhe a mão, impedindo o sacrificio, apontando-lhe um cordeiro que estava emaranhado em umas silvas. Aquí temos, com Abraão, diversas comunicações: quando o espírito anuncia o nascimento do filho por voz direta; quando Sára, que estava em outro apartamento, também ouviu e deu risada, porque nunca se viu uma mulher de 90 anos ter filhos. No monte da visão houve materialização do espírito ao segurar-lhe a mão e ao transportar o cordeiro, visto por ali não andarem rebanhos.

Jacó sonhou, que estava deitado com a cabeça em cima de uma pedra; viu o céu se abrir e uma enorme escada que subia da terra ao céu e os anjos subirem e descerem por ela. E' um ensinamento em sonho sôbre a reencarnação. Os que sobem, são os que deixaram a terra; os que descem, são os que vêm se reencarnar.

José, filho de Jacó, teve vários sonhos que se realizaram e também tinha a faculdade de explicá-los, como fez com o padeiro e copeiro-mór do Faraó. O mesmo Faraó, teve o sonho das vacas magras e das vacas gordas e das espigas granadas e chôchas, que José definiu como sendo 7 anos de abundância e 7 anos de fóme, o que realmente aconteceu. Nabucodonozor, teve um sonho em que via uma enorme estátua com a cabeça de ouro, peito de prata, ventre de bronze, pernas e pés de ferro e barro e uma enorme pedra que rolava da montanha, sem ser talhada por mão de homem que derrubou a estátua reduzindo-a a pó. Ao acordar, esqueceu-se do sonho. Chamou os adivinhos do palácio para lhe decifrarem o sonho que teve e do qual esquecera. Não podendo os sacerdotes de Baal explicar o sonho, um servo lembra-se de Daniel, que vem e explica-lhe o sonho recompondo-o.

E' na Bíblia que encontramos todas estas manifestações de espíritos em sonhos; porém, não concluamos que todos os sonhos são manifestações de espíritos.

Temos ainda na Bíblia de antes da vulgata, o livro de Tobias. Na Bíblia de depois da vulgata suprimiram êsse livro, porque atestava fatos que não convinham a grei romana. Nêste livro, o espírito de Rafael se materializa e acompanha Tobias dia e noite: ensina-o como curar a cegueira do pai e vai receber a dívida de um parente; é ainda o espírito que lhe mostra a moça que está destinada a ser sua esposa. Quando o querem gratificar, Rafael recusa-se a receber dizendo: — Tobias, eu sou Rafael que estou constantemente ante a face do Senhor, e vim a seu mando para atender aos teus rogos.

No festim de Baltazar, onde a orgia campeava desenfreadamente, aparece a vista de todos, u'a mão escrevendo na parede — «Manes, Tecel, Feres», que quer dizer, pesado, medido, aferido. Aquí temos uma manifestação de escrita diréta.

Moisés depois de ter matado um egipcio, fugiu para o deserto, onde foi ter com Jotro, que depois foi seu sogro; ali vivia apascentando ovelhas, quando lhe aparece um espírito e lhe diz: «O Senhor ordena que vás ao Egito, e de lá retires o seu povo, que Êle já está cansado de o ver sofrer». Moisés diz: «Mas eu sou tato da língua»; o espírito responde-lhe: «Dar-te-ei as maravilhas, e a teu irmão Arão a palavra». Aquí encontramos em Moisés a mediunidade de efeitos físicos, e em Arão, a mediunidade falante.

Moisés obedece à ordem do espírito e, em frente ao Faraó, opera tantas maravilhas e faz tantas profecias que se realizam imediatamente, que o Faraó ordena que saia com o seu povo, conforme Moisés lhe pedia.

Tudo isto são manifestações encontradas na Bíblia com o nome de pragas do Egito.

Moisés, quando no deserto, faltou-lhe carne; e é ainda pela mediunidade de efeitos físicos, que vieram bandos de perdizes pousar no meio do povo.

Quarenta dias depois da saída do Egito, Moisés e seus irmãos estavam nas fraldas do monte Sinai, onde êle sobe e, pela mediunidade de efeitos físicos, lhe são dados os dez mandamentos gravados em uma pedra. Como Moisés demorasse, pediram a Arão que lhe fizesse um bezerro de ouro, para ser adorado como Deus. Quando Moisés voltou, vendo aquela idolatria oriunda das terras que tinham deixado, e tendo-se informado, chegou à conclusão de que no povoado manifestaram-se espíritos mentirosos dizendo que êle, Moisés, os havia abandonado. Daí a ordem de Moisés proibir as evocações. Ora, não se póde proibir o que não é possível existir.

O Espiritismo também, como Moisés, proibe as evocações de espíritos por pessoas sem a moral e os conhecimentos necessários; proibe fazer sessões para se conhecer o futuro, saber si se vai ser feliz nêste ou naquêle negócio, com quem se vai casar e outras cousas semelhantes.

Porém, um dia, Josué, chegou-se a a Moisés, e disse-lhe: «No povoado estão profetizando, proibe-lho». Moisés responde-lhe: «Tens tu ciumes por mim? prouvera a Deus que todos profetizassem». Por êste trecho da Bíblia, temos a prova de que Moisés consentia nas manifestações, e que até desejava que todos profetizassem, como nós espíritas desejamos que em cada lar haja um grupo de pessoas compenetradas dos seus deveres e com uma moral sã e os conhecimentos indispensáveis.

Saul foi o primeiro rei dos hebreus. Saul tambem proibiu com penas severas os que evocassem espíritos. Nas vésperas de uma batalha, Saul disfarça-se, e vai à pitoniza (médium) do Endôr, e pede-lhe para falar com Samuel, que já tinha morrido. O profeta Samuel repreende-o e profetiza sua morte e perda da batalha.

Tudo isto são comunicações espíritas dentro da Bíblia, e é preciso estar cego para não as ver, ou muito fanático para não as compreender.

As manifestações dentro da Bíblia, são tão numerosas, que seria fastidioso enumera-las minuciosamente.

Os profetas, todos êles, foram médiuns. Elias, evoca o fogo do céu para queimar a lenha. Joel, profetiza que no fim dos tempos, o espírito do Senhor seria derramado sôbre toda a carne, que os velhos teriam sonhos, e os moços visões. Isto era o anúncio do que se está passando: o advento do Espiritismo. Os profetas quando falavam, sempre diziam: «Isto diz o Senhor»: portanto, manifestação.

Dentro das religiões, as manifestações espíritas são inúmeras. A Zacarias, um espírito lhe anuncia o nascimento de um filho, que foi João Batista, e a missão que trazia. Maria estava nos seus afazeres, e um espírito lhe anuncia o nascimento de Jesus. Quando Jesus começa a sua missão na mangedoura de Belém, aos pastores aparecem espíritos, avisando-os que era nascido o salvador do mundo, e em cânticos davam Glória a Deus nas Alturas e na terra paz aos homens, a quem Ele queria bem. Aos magos do Oriente, um espírito em forma luminosa, como uma estrêla, guia-os até onde estava Jesus. Os mesmos, em sonho, são avisados por espíritos a não voltarem a Jerusalém. A José, em sonho, o espírito o manda para o Egíto, e em sonho o manda voltar. Jesus, no Monte Tabor, evoca Moisés e Elias, e êstes se materializam, e Jesus se transfigura. Foi tão nítida a materialização de Moisés e Elias, que os discípulos, que tinham acompanhado Jesus, queriam levantar três tendas. O fato de Jesus ter levado só três discípulos foi, como todos os seus atos, uma lição para o futuro, mostrando que nem todos os que entram na doutrina, estão aptos para assistirem a certa ordem de manifestações.

Depois que Jesus ressurge, aparece Êle à Maria e lhe diz: «Não me toques, porque ainda não subi a meu pai e vosso pai, a meu Deus e vosso Deus».

No caminho de Emaus, Jesus fala com dois discípulos e parte o pão, que êles comem. Em Jerusalém, quando os discípulos estavam em uma casa, com as portas e janelas trancadas, Jesus se apresenta no meio dêles, e os ensina. Jesus aparece a Saulo na estrada de Damasco, e ordena-lhe o que tem a fazer. Pedro é retirado da prisão por um espírito, estando a porta do cárcere fechada. A Filipe, um espírito manda que vá explicar ao eunuco da Raínha de Candace, o trecho da escritura que ia lendo e não entendia.

Depois Filipe foi arrebatado. São fenômenos êstes de levitação e transporte. Fato idêntico se deu na segunda década dêste século, com dois meninos em Milão, que eram arrebatados e levados a cidades distantes por mãos invisíveis, fato êste comentado em muitos jornais profanos.

No dia de Pentecostes, os discípulos de Jesus, tomados por espíritos, falavam línguas conhecidas dos presentes e por êles ignoradas. O Evangelho, vida e atos dos apóstolos estão cheios de manifestações de espíritos, e só não vê quem não quer vêr. (Continua)

D. Gracinda Batista

D. GRACINDA BATISTA

No dia 28 de Setembro último transcorreu mais um aniversário de desincarne de D. Gracinda Batista, companheira de vida terrena do nosso representante-viajante sr. Onofre Batista, um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita.

Como já deve ser do conhecimento dos nossos leitores, D. Gracinda Batista e seu companheiro de jornada terrena fundaram o Sanatório «Américo Bairral», de Itapira, que de humilde choupana, graças aos esforços dos seus dirigentes, é hoje uma das mais importantes instituições espíritas do país, abrigando atualmente perto de 600 enfêrmos mentais.

D. Gracinda Batista, embora não fôsse espírita de evidência, na sua humildade fez muito mais do que muitos que, sabendo muito, nada fizeram em benefício dos seus semelhantes necessitados. Mas como o que vale são as obras, o seu nome é hoje venerado por milhares de enfêrmos que recuperaram a saude e a sua obra marcha firmemente, orientada por trabalhadores abnegados, entre os quais o sr. Cesar Bianchi.

Que Jesus proporcione ao Espírito de D. Gracinda mais luzes ainda e maiores probabilidades de progresso espiritual são os nossos sinceros votos.

De nada vale ao indivíduo afirmar-se cristão sem a prática da Justiça, sinal característico dos espíritos elevados. Sede justos para serdes efetivamente cristãos. — MARIQUINHAS.

LIVROS E AUTORES — LEOPOLDO MACHADO

UMA GRANDE VIDA

Julgada por muitas inteligências esclarecidas.

A biografia de Cairbar Schutel, elaborada por Leopoldo Machado, está a exgota-se. Tanto que já se cogita de outra edição revista, correta e aumentada. Do excelente livro disseram, em carta, o seguinte :

Dr. Militão Pacheco, recem-desencarnado, em carta de 26/XI/1952.

«Li todo, de um fôlego, apesar de meus 86.

«Tinha mesmo ânsia de conhecer êste trabalho, sôbre a vida de Cairbar Schutel, de outra grande vida, a de Leopoldo Machado.

«Aquêle meu exemplar irmão e amigo, de quem, sem eu saber, agonizante, em sessão pública, em S. Paulo, em verdadeira consagração espiritual, eu chamei o Espírita n.° 1 dos que eu conhecia, e que tão prudente avisado era, que, prevendo o seu termo da experiência carnal, já havia educado e preparado o substituto de sua missão...

«E êste Leopoldo Machado que, naturalmente, é outro mensageiro de Deus, que julga, apenas, estar cumprindo com o seu dever, é outro grande expoente do Espiritismo no mundo, e não tenho a ventura de o conhecer, mas, o venero pelo seu Labor.

(a) Pacheco

De Emiliana Delminda, excelente poetisa espiritualista, residente em Santos :

«*Uma Grande Vida,* principalmente para mim e para todos que tiveram a felicidade de conhecer de perto aquele que a viveu, constitue um tesouro inestimável.

«Li-o devagarinho, é certo, mas com toda a atenção, com toda a alma, como se estivesse diante de uma coisa sagrada.

«Desde o prefácio até o fim do livro, tudo é bom, tudo é util, tudo é fraternidade. E assim deve ser, em se tratando de uma vida de tão extraordinária abnegação e amor ao próximo.

«Não tenho palavras para exprimir a gratidão que sinto. Contento-me em enviar a O CLARIM e a seu generoso pessoal, o meu «Deus lhes pague», pelo confôrto que me proporcionou essa agradável leitura.

«E que lindo trabalho de impressão !

«UMA GRANDE VIDA é uma obra auxiliada pela Providência. Tudo nela é surpreendente...

(a) Emiliana Delminda.

De Waldemiro Reis, grande lider do esoterismo-espiritismo em S. Luiz do Maranhão :

«Já fiz a leitura de UMA GRANDE VIDA. Da pena brilhante e adestrada de um mestre e jornalista, não podem sair livros pouco merecedores de aplausos.

«Uma Grande Vida enflama a alma, desperta vontade de estudar-se o Espiritismo. A clareza das expressões que enchem as páginas do livro torna ainda ressaltante a grandeza dessa criatura, o Espírita n.° Um no Brasil. Efetivamente, Cairbar Schutel fôra um super-homem, pois os seus exemplos de amor, as lições de justiça, os exemplos magnificos de sinceridade com que doutrinava, convencia, impressionava. Cairbar sabia sofrer e chamar por Jesus.

UMA GRANDE VIDA já está enfeitando a nossa bibliotéca ; é mais uma flor delicada a nos atrair a atenção.

(a) W. Reis.

De Conrado Ferrari, do Hospital Espírita de Porto Alegre, e diretor do periódico «DESOBSESSÃO» :

«Mais um livro de Leopoldo Machado vem de ser editado. E' um estudo biográfico de outro grande seareiro : Cairbar Schutel.

«Póde incluir-se a nova produção entre as obras didáticas, tal o seu alto teor de exemplos e ensinamentos cristãos ; daqueles que muito faltam à juventude dos nossos dias, tão entoxica-

dos por leituras deletérias, que são distribuidas com abundância, e cujos efeitos perniciosos já se fazem sentir dolorosamente em toda parte no nosso Brasil.

«Leopoldo Machado, com a sua peculiaridade no escrever, simples, claro, convincente, soube descrever a vida do grande apóstolo de Matão de tal forma que o livro de 125 páginas é devorado de uma sentada, com crescente interêsse, coisa rara em obras dêsse gênero.

«E' um livro que chega oportunamente, para aulas de moral e civismo.

«Nossos cumprimentos afetuosos ao querido confrade, Leopoldo Machado, pela sua excelente produção.

(«Desobsessão», de Julho de 1953).

Do dr. Luiz Monteiro de Barros, médico e espírita combativo e agitado. Escritor e jornalista, atual presidente da USE :

«Por fim, UMA GRANDE VIDA. Iniciei, hoje, a sua leitura e já me encantei com três coisas, a saber: 1.°) O Cairbar, que você aponta como o espírita n.° Um do Brasil, era, no início, bem orgulhoso; você diz que não, mas, eu não tive essa impressão; êle se modificou depois, é lógico, pois, para isso veio a Doutrina, que é de redenção; se êle, sendo orgulhoso assim, no início, conseguiu ser o que foi, eu tenho esperança de enveredar pelo mesmo caminho, pois estou cheio de idealismo sadio...

2.°) Que o orientador de Cairbar foi Pedro II. Isso confirma aquilo que já conhecemos: a posição social do indivíduo não tem a mínima importância para o Alto. Jesus escolhendo os discípulos que escolheu, já nos ensinara essa verdade com clareza meridiana. A's vezes, a gente fica com a impressão de que nunca fará nada de maior em relação à coletividade, pelo fato de não ter cultura extraordinária ou posição social de relevo que facilitem o trabalho. Aliás, é sempre o contrário que se dá, salvo raras excepções, pois os trabalhadores fieis a Jesus sempre saem do nada e se fazem pelos seus esforços de todos os dias. A luta árdua é a sua primeira arma e a sua primeira senha, não ?

3.°) Fiquei encantado com certas afirmações suas no decorrer das poucas páginas que já li dêsse seu trabalho. Agora, entendo melhor a nossa afinidade recíproca e espontânea. Nós pensamos exatamente da mesma forma em relação ao conceito que fazemos da Doutrina Espírita. Segundo você póde constatar naquele trabalho que lhe enviei, intitulado, O ESPIRITISMO COMO RELIGIÃO, você vai ver, se ainda não o leu, que eu conceituava o Espiritismo como uma Filosofia religiosa de base científica, ou simplesmente como Religião científica, e não como Ciência religiosa ou, como disse Kardec, apenas como filosofia científica de consequências religiosas, etc., etc.

Voltando a *Uma Grande Vida*, eu dizia que vi alí expresso, em poucas palavras, ponto de vista idêntico, esposado por mim. Diz você «...e para propaganda de uma religião que nem consta, ainda, nas geografias, como religião professada. E para leitura de profitentes dessa religião ainda infensos, de um modo geral, ao esporte e ao prazer da boa leitura...

Depois dos dois volumes lidos, Cairbar atirou-se aos livros de Kardec. Leu-os todos, analisando-os, meditando-os, para consolidar assim suas convicções filosóficas-religiosas. Para tanto, além de estudar, comparou. E da comparação que faz da filosofia e religião espíritas com a religião e a filosofia do catolicismo e do protestantismo, resultou sua conversão definitiva à Doutrina...» «O Espiritismo fenômeno lógico ainda não fez conversos decididos no Brasil. *Êste aspecto do Espiritismo alicerçado nos fatos, implica a natureza científica, metapsíquica, do Espiritismo*». Eis aí, exatamente, o meu ponto de vista, exarado naquele seu trabalho. O aspecto científico do Espiritismo, é êsse das sessões mediúnicas, que procuram a demonstração da sobrevivência; o aspecto contido em O LIVRO DOS ESPÍRITOS é o aspecto filosófico-religioso o mais alto, porque o que contém a filosofia da vida que esclarece para redimir, etc., etc., etc...

De Cristovam Marques Pessoa, publicista e jornalista potiguar, apreciação inserta no diário natalense, O POTÍ:

«Mas, onde o Professor Leopoldo Machado pôs todo o seu carinho, todo

o seu esfôrço em descrever a vida de um grande homem; onde registrou todo o seu poder de observação da alma humana, aplicou toda a sua competência de velho educador, em primorosas lições de Espiritismo, foi, precisamente, no livro «UMA GRANDE VIDA», onde a inconfundível personalidade de Cairbar Schutel — o espírita cem por cento, desencarnado a 30 de Janeiro de 1938, na cidade de Matão, no Estado de S. Paulo, é analisada para exemplos das novas gerações.

Aí o homem é estudado com riqueza de detalhes, desde a sua infância alegre e descuidada de um colegial, até a madureza de um espírito compenetrado de seu dever—que é o de todos nós — de ajudar o progresso do mundo, afim de subir ao Criador.

É neste livro, que é mostrado Cairbar Schutel no seu comprovado valor, tão ao vivo, que nenhuma discussão é possível sôbre sua personalidade. Católicos, Protestantes e Ateus que discutiam com êle num dia, iam abraçá-lo no dia seguinte. A caridade por êle pregada e praticada não conheceu fronteiras de nenhuma espécie. E quem quiser saber o que é modelo de simplicidade, leia suas preces transcritas pelo seu biógrafo.

Na propaganda da doutrina codificada por Allan Kardec, Cairbar foi, em verdade, o espírita n.° 1 do Brasil.

Quem viveu pelo interior dêste Nordeste brasileiro, recebendo e despachando correspondências em quasi todas as agências de Correio, recebeu, também das mãos do Agente Postal alguns exemplares de «O CLARIM», jornalzinho espírita enviado de Matão, para gratuitamente ser distribuido com o povo. Era a ação de Cairbar Schutel, que nós dêste lado do mundo não conheciamos nem sabiamos avaliar o valor.

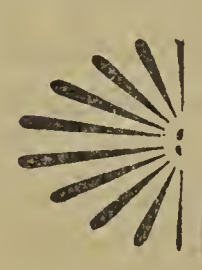
«UMA GRANDE VIDA», é livro para ser lido por gregos e troianos, mas, principalmente, para os que desejam conhecer um espírita verdadeiro e como se deve fazer espiritismo com real proveito.

Quanto ao estilo, poderá ser dito o mesmo que o autor disse de Cairbar: «Claro, despretencioso, leve. Estilo de quem escreve para o povo, para gente simples e humilde. Sua fórmula literária, sintética e atraente, expõe, precisamente, o que o escritor deseja dizer».

Muitos cristãos espíritas, de reais merecimentos, temos visto partir para o mundo da espiritualidade. Leopoldo Machado, com o seu bem feito livro, revela-nos mais um dêsses trabalhadores da Divina Seara.

Parabens para o autor.

(Os últimos volumes de UMA GRANDE VIDA, à venda na Livraria O CLARIM. Serão enviados pelo reembolso postal. Seu custo, Cr. $ 30,00, encadernado).



A Unidade Religiosa

GENESIO NITRINI

Assim como uma semente, embora pequenina, e sendo uma unidade apenas, encerra em si todo o mecanismo complexo existente em uma árvore, tais como: raiz, tronco e galhos, folhas, flôres e frutos, assim também poderemos encontrar num conceito que, embora unitário, seja a síntese de todas as verdades, de todas as leis e de todas as virtudes referentes à nossa vida espiritual.

No domínio da Botânica, a síntese da vida vegetal se condensa numa semente que póde ser vista pelos nossos olhos e apalpada pelas nossas mãos. Porém, quando tratamos de um assunto filosófico ou religioso, não mais podemos utilizar, como instrumento de investigação e pesquisa, os órgãos dos sentidos. É que, para tratar do imponderável, investigar as leis que regem a vida psíquica, o instrumento de pesquisa é a intuição e o seu campo é o conceptual, em substituição ao laboratório. Apesar disso, não se deve pensar que os efeitos ou as consequências dessas leis não tenham ressonância no campo material.

Por essas razões, vemos a dificuldade que se nos apresenta ao tratarmos da unidade religiosa, quando a humanidade por imposição da própria evolução a que estão sujeitos os agrupamentos sociais, tem estabelecido uma pluralidade de cultos. Cada agrupamento humano tem tomado o seu culto como sendo a unidade religiosa, isto é, como sendo a única verdade religiosa.

O que ocorre hoje com as Religiões é o mesmo fenômeno de milhares de anos atrás, quando se praticava o politeismo.

Coube a Moisés a missão divina de ensinar à humanidade terrena a unidade da criação e, desde então, a idéia de um Deus único, eterno, infalível, imutável, infinitamente bom e justo, criador do Cosmos e das criaturas, foi se firmando a ponto de ser, nos nossos dias, uma verdade generalizada em toda a humanidade. O politeismo é, portanto, uma fase superada na evolução do homem terreno. Urge, porém, neste fim de civilização materialista e advento da civilização do terceiro milênio que será a civilização do espírito, isto é, da fraternidade e do império do amor, caminharmos para o reestabelecimento da Unidade Religiosa.

Já imagino, prezados leitores, que indagais: aonde está essa unidade? Em que religião ela se encontra?

Tomando como ponto de partida a premissa de que Jesus — o Cristo — é o nosso Mestre e o Evangelho que nos legou é o pensamento de Deus, afirmamos com toda sinceridade e com toda a nossa fé que a Unidade Religiosa já foi revelada.

Os que teem «ouvidos de ouvir e olhos de ver» já a conhecem e a praticam. Afinal, qual o capítulo ou versículo que a enfeixa?

Quando, há dois mil anos, nossos antepassados perguntavam a Jesus qual o maior mandamento da lei, isto é, como deveriam proceder para ganhar o reino do céu, inconscientemente indagavam da unidade religiosa, isto é, qual a chave da vida, compreendida, está claro, também após o fenômeno chamado morte.

O Nazareno, no exercício de sua missão divina e ratificando, como o fez em muitas oportunidades, a parte divina dos ensinamentos de Moisés, respondeu-lhes, sintetizando os dez mandamentos:

«Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Êste é o maior e primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a êste, é: Amarás a teu próximo como a ti mesmo. Êstes dois mandamentos contêm toda a lei e os profetas». (Mat. XXII; 37-40). Prosseguindo nos seus ensinamentos, além da síntese dos dez mandamentos, deu-nos Jesus, no Sermão da Montanha, a Lei Aurea que constitúe, em última análise, o conceito que encerra a Unidade Religiosa que tanto procuramos, enunciando-a dêste modo: «E assim tudo o que vós quereis que vos façam os homens, fazei-o também vós a êles. Porque esta é a lei e os profetas». (Mat. VII: 12). Eis a coluna mestra sôbre a qual repousa o mais alto conceito da Unidade Religiosa, o qual se sobrepõe a todos os conceitos de todas as religiões, de todos os cultos e de todas as seitas. E, por ser a Verdade religiosa, é imutável. Toda religião que não girar em torno dessa lei é falha, porque é religião de forma ou ritual e não de substância. Ipso fato, o mesmo ocorre com referência aos praticantes de todas as religiões. Todo aquêle que empresta um valor absoluto ao culto exterior e julga ser a sua religião a única verdadeira, esquecendo de viver a lei aurea, espiritualmente falando essa criatura está parada. Sómente se avança rumo a Deus, isto é, à conquista da bemaventurança celestial, todo aquêle que pratica a lei aurea e, por conseguinte, a lei da caridade e do amor. Pensar que apenas por pertencer a esta ou aquela religião, a esta ou aquela corrente de pensamento, já se conquistou um lugar no céu, após a morte, é muita ingenuidade.

O caminho é Jesus e Jesus é o Evangelho e o Evangelho é a Lei Aurea. Assim como não se entra numa casa a não ser passando pela porta, assim também para se ingressar numa morada superior, após a morte do corpo carnal, deve o Espírito ter passado pela porta da vida que é o Evangelho.

Afinal, se a unidade religiosa já nos foi revelada, por que vivem os homens a se degladiarem por uma unificação religiosa? E' que, infelizmente, buscam-na onde ela não está, isto é, buscam-na no culto externo ou, então, em

tôrno de determinada religião, isto porque estamos mais apegados ao culto exterior do que ao verdadeiro sentimento religioso íntimo.

Esquecemos de que o culto exterior pode e deve variar porque nem todas as criaturas têm o mesmo grau de compreensão; porém, jamais poderá haver qualquer variação no campo sentimental ou amoroso. Por outro lado, procuramos a unidade religiosa no conhecimento, na cultura terrena, e deixamos para um plano inferior a unidade oriunda do amor.

Eis onde se deve procurar a unidade religiosa. Eis o traço de união entre os homens e entre as raças, embora pertençam a religiões diferentes quanto à forma porque, no fundo, todas são boas.

Essa falta de compreensão e tolerância por parte dos chamados condutores de rebanhos, do passado e dos nossos dias, foi notada pelo missionário da civilização do 3.º milênio, Pietro Ubaldi, quando diz, na obra «A Grande Síntese»: — «As religiões, tão numerosas e, êrro imperdoavel, todas lutando entre si, tendo-se como exclusivas depositárias da verdade, e, em nome do próprio Deus, ocupadas em aprofundar o abismo que as separa em vez de procurar a ponte que as una, cada uma anciosa por invadir ela só todo o mundo em lugar de coordenar-se, colocando-se cada qual no nivel que lhe corresponde em razão da profundeza da revelação recebida, têm, infelizmente, coberto de humanismo a originária Centelha Divina».

Do exposto, concluimos que ha 3 (três) correntes de pensamentos, três estados d'alma que procuram explicar e adotar a unidade religiosa, sob aspectos diferentes, como sejam:

1.º) os que a procuram no culto exterior, no ritual;

2.º) os que a procuram no conhecimento, na Ciência;

3.º) os que a procuram no amor ao próximo e na prática da caridade. Êstes são os verdadeiros cristãos, embora pertençam a religiões diferentes, quanto à forma.

E agora, antes de terminar, dirijo-me aos irmãos do 2.º grupo — aos que pregoam a unidade religiosa tomando por base o conhecimento, a Ciência, enfim, áqueles que lutam pela Verdade e não pelo Bem, esquecidos de que não poderemos acrescentar um átomo à Verdade e que ela se propaga por si só e nos é revelada de acôrdo com o nosso merecimento, ao passo que a prática do Bem exige de nós sacrifício, luta, renúncia e trabalho contínuo. A êles oriento esta fração dos magnificos conceitos de Allan Kardec através de uma mensagem contida na obra «Roma e o Evangelho» e que constituem verdadeira defesa de tese: — «A religião é antes sentimento, que conhecimento; por isso vemos muitos ignorantes crendo em Deus e amando sem conhecê-LO, e muitos sábios que, conhecendo-O até onde póde alcançar a sabedoria humana, não o amam, nem respeitam os decretos de sua soberana vontade. Por isso, o julgamento do primeiro será bom, visto ter cumprido a lei pela bondade do seu coração; e o julgamento do segundo será o castigo, porque conheceu a lei do bem e a desprezou com a frieza e com o orgulho do seu espírito.

Nenhum homem é condenado por não saber, mas sim por deixar de sentir, porque o livro da sabedoria é um livro geralmente fechado; mas o livro do sentimento é um livro universalmente aberto. Não é dado a todos possuir os segredos da Ciência, mas sim as doçuras do sentimento, cujos tesouros estão à vista de todas as criaturas, disseminados no Universo pela mão da misericórdiosa Providência.

* * *

Sois obrigados a sentir. E não vos admireis de que eu chame energicamente a vossa atenção para o sentimento e a sua necessidade, porque, sem êle, serão inúteis todos os esforços que empregardes para pertencer ao número dos verdadeiros cristãos, dos discípulos e imitadores de Jesus, pois Êle era todo caridade. Sereis cristãos especulativos e nada mais; árvores sem frutos, que o pai de família mandará arrancar, para lança-las ao fogo.

O sentimento é tudo, e por isso êle está ao alcance de todos. E' mais que a Ciência, porque a Ciência achá-la-eis entre os ímpios e entre os justos; e é mais que a filantropia, porque também os maus fazem às vezes boas obras. O que realmente sente, faz, se lhe é pos-

sível, as obras do sentimento, e mesmo quando por não lhe ser possível, não as faça, perante a lei elas são reputadas como feitas e indicadas à justiça.

O sentimento é o amor, e o amor é a lei, vêde, portanto, que, para o cumprimento da lei, é necessário, indispensável, que ameis. O amor cobre a multidão dos pecados, porque é a chama que purifica e o bálsamo que consola. O que ama pratica exclusivamente o bem, que é a reparação do mal, e a felicidade será o prêmio de suas obras amorosas. Amai, irmãos congregados; amai, meus filhos, e no ministério do amor achareis o ministério dos Espíritos perfeitos.

* * *

Dizeis que sois espíritas, irmãos; é bom, eu vos felicito. Sois hoje melhores do que ontem? Sereis amanhã melhores do que hoje, e ireis melhorando cada dia? Comove-vos o espetáculo da natureza, a contemplação do céu? Derramais lágrimas do coração à vista das alheias desditas? Amais, caros irmãos, amais?

O Espiritismo, que é Cristianismo, que é a Caridade, permiti-me repeti-lo, não se reduz a discorrer e a propagar, mas exige, antes de tudo e sobretudo, o sentimento, que é princípio e a fonte das obras que nos aproximam de Deus. Aquêle que se cinge ao conhecimento e à prática das verdades cristãs, mas sem as sentir nem aplicar, assemelha-se ao que descobriu um abismo e que, não obstante, se precipita nele, apesar de dar aos demais aviso do perigo.

Que minhas palavras não sejam para vós um motivo de desalento; demasiado conheço as debilidades da natureza humana, para estranhar as vossas e poder exigir que vos liberteis rapidamente de todas as impurezas. Como poderei exigir de vós o que foi e é ainda impossível para mim! Eu não faço outra cousa senão chamar a vossa vontade e os vossos sentimentos para o bem, mostrar-vos o caminho que juntos temos de percorrer, para nos aproximar-mos da idéia sempre progressiva da perfeição espiritual. Os anjos do Senhor, êsses ditosos seres que bebem o amor em seu divino manancial, e dos quais, como de outras tantas fontes, emana a caridade que rega e fecunda as pobres plantas humanas esparsas pelo Universo, os anjos do Senhor descerraram aos olhos de minha alma um dos véus que escondiam a luz da verdade, afim de que eu possa fazer e faça o mesmo convosco.

E como vi que a verdade está na virtude e só na virtude, chamei-vos à prática do amor, compêndio de todas as virtudes irradiadas do divino fóco.

Crônica Estrangeira

O Testamento Espírita de Victor Hugo

O que há livre no homem?

Quem diz livre diz responsavel. Responsavel nesta vida?

Não, evidentemente, pois nada está mais demonstrado do que a prosperidade possível e frequente dos maus e o infortúnio imerecido dos bons durante sua peregrinação sôbre a terra.

Quantos homens justos só tiveram angústias e misérias até seu derradeiro dia, enquanto que homens perversos viveram até a extrema longevidade no gôso pacífico e sereno dos bens dêste mundo, inclusive o aprêço e estima de todos?

Então, será o homem responsavel depois da vida? Evidentemente, sim, visto não o ser nesta.

Portanto, alguma cousa dele sobrevive para ser submetido á responsabilidade: a alma.

A liberdade da alma explica a sua imortalidade: a morte não é, pois, o fim de tudo. Ela sómente é o fim de uma coisa e o princípio de outra. Na morte, acaba o homem e começa a alma.

Disto se evidencia essa ansiedade estranha, mesclada de desespêro e de esperança, quando contemplamos o rosto inanimado de um ente querido. Digam os que hão passado por essa hora fúnebre, a última da alegria e a primeira do luto, digam se não é verdade ainda se perce-

ber que continua alí existir alguém, que tudo não se acabou.

Sente-se em torno daquela cabeça querida, alguma coisa que acaba de se expandir; uma palpitação confusa e inaudita vibra no ar em derredor dêsse coração que já não pulsa. Essa bôca entreaberta parece chamar aquilo que partiu, e que, dir-se-ia, balbucia palavras obscuras do mundo invisível.

Eu sou uma alma.

Bem sei que aquilo que vou entregar ao sepulcro não será o meu eu nem o meu ser; o que constitue o meu eu, irá mais além.

Terra: tu não serás a minha voragem.

O homem outra coisa não é do que um cativo.

O prisioneiro penosamente escala os muros de sua masmorra, trepa de saliência em saliência, coloca os pés em todos os interstícios e sobe até o respiradouro; alí olha: distingue ao longe as campinas; respira o ar puro; vê a luz.

O prisioneiro sabe que vai encontrar a claridade do dia, a liberdade. Como pode duvidar o homem se vai encontrar a eternidade no momento de sua saída da masmorra terrestre? Porque não há de possuir êle um corpo etéreo, sutil, do qual êste, o nosso corpo mortal, nada mais é do que um grosseiro bosquejo?

A alma tem sêde do absoluto, mas o absoluto não é dêste mundo, é por demais divino para esta Terra.

Existem duas leis: a lei dos planetas e a lei do espaço.

A lei dos planetas é a morte; o limitado exige a destruição.

A lei do espaço é a eternidade; o infinito permite a expansão.

Entre os dois mundos, entre as duas leis, há uma ponte: a transformação.

A aspiração dos habitantes dos planetas deve ser a de se transformarem em habitantes do espaço.

O mundo luminoso é o invisível. O mundo luminoso é o que não podemos ver. Nossos olhos carnais sómente vêem a noite.

Há os que vivem de olhos abertos para o mundo material e de costas voltadas para o mundo desconhecido.

A morte é uma mudança de roupagem.

Alma: tu estás vestida de sombra; vais ser vestida de luz, mais para lá do túmulo, que o homem considera como o último ponto, o final.

A vida é o poder que tem o corpo de manter a alma algemada á terra, pela assimilação.

Na vida terrestre a alma perde o que irradia; na vida ultra-terrestre o corpo perde o que pesa.

A morte é uma continuação.

Meu olhar penetra até onde é possível nessa sombra onde vejo, a uma profundidade que seria aterradora se não fôra sublime, clarear a imensa aurora da eternidade.

As almas passam de uma esfera a outra esfera, assimilando cada vez mais luz, mais se aproximando de Deus.

O infinito é o ponto de tangência. O que dorme desperta, desperta e vê que é homem. O vivo que morre, desperta, desperta e vê que é espírito...

Estranho caso de atração elétrica

De «Constancia».

Santiago do Chile, 27 (R.) — Um caso extraordinário ocorreu no Instituto Nacional de Rádio, ao suportar um técnico, uma descarga elétrica de 200.000 vóltios sem que perdesse a vida.

Alberto Dueville, italiano, realizava vários reparos, quando impelido pela curiosidade, aproximou-se da sala de alta tensão. Apenas aberta a porta, uma gigantesca fôrça elétrica o atraiu até o centro da sala, suspendendo-o horizontalmente no ar, enquanto lhe queimava a roupa e os cabelos.

Um médico que a serviço nesse momento, viu com espanto, através dos cristais do observatório, o extraordinário espetáculo do corpo do operário rodeado de um halo incandescente. Imediatamente o médico cortou a corrente e Dueville caiu ao solo aparentemente morto.

Quando se aproximou para lhe prestar assistência sofreu violenta descarga elétrica ao tocar apenas o corpo. O coração da vítima palpitava debilmente e, depois de uma hora, recuperou o conhecimento.

Dueville declarou que sentira um golpe na nuca no mesmo momento em

que abriu a porta da sala, perdendo a consciência. Atualmente encontra-se totalmente restabelecido, não podendo os médicos explicar o fenômeno, e menos ainda o fato do desaparecimento total das úlceras do estômago de que padecia há muitos anos.

O Poder de Curar

De «Estudos Psíquicos».

O jornal francês *Ici-Paris* publicou um artigo que a *Vida Mundial* transcreveu com o título: «Isabel II escolheu um amigo do maravilhoso para capelão adjunto». Principia assim êsse artigo:

«O poder que certas pessoas têm de curar as doenças, as dores e as feridas pela simples imposição das mãos está em vias de ser reconhecido oficialmente em Inglaterra. Na verdade, o concílio da Igreja Metodista — aquela que, entre as igrejas protestantes, conta a maior massa de fiéis em todo o mundo — está prestes a estudar um diploma das «pessoas que curam». A Igreja de Inglaterra ainda não tomou posição oficial, mas alguns dos seus chefes, notóriamente o bispo de Lincoln, orientam uma rigorosa campanha e tomam numerosas iniciativas pessoais em sentido análogo à atitude das autoridades metodistas. Enfim, a própria raínha Isabel, profundamente convencida da existência de tais poderes nos seres escolhidos por Deus, deu apôio retumbante aos campeões dessa crença: quando, no mês de agosto, completou a lista civil da sua casa, escolheu deliberadamente como capelão adjunto o reverendo Cyril Theodore Henry Dems, um dos três eclesiásticos da Igreja de Inglaterra que, devido a seus poderes especiais e profundo conhecimento do problema, foram incumbidos pelo bispo de Lincoln de fazer um estudo profundo dos fenômenos de cura física, psíquica ou moral por imposição das mãos».

Depois, o articulista estuda a imposição das mãos através dos tempos, dizendo que só em 1830, com a queda de Carlos X, se perdeu a tradição «segundo a qual o rei de França, com êsse simples gesto, curava as escrófulas». A seguir refere-se ao movimento crescente na Inglaterra com foros de «cruzada bastante poderosa para levar as autoridades a estudar o problema», que nem as descobertas científicas impediram de se apresentar como ressurreição de crenças antigas que dão grande fôrça aos chamados curandeiros.

«Assim se explica — continua *Ici-Paris* — a sua influência crescente na Inglaterra, quer se trate de William Matheros, simples massagista, cujas mãos miraculosas não se contentam com amaciar os músculos; de John Beswarwick, bispo da Igreja Episcopal protestante, que cura impondo os três dedos, segundo o gesto dos grandes inspirados; do reverendo John Maillard, da Igreja da Inglaterra que, aos 77 anos, percorre a pé os campos do Oeste, impõe as mãos à maneira dos discípulos de Jesus e deixa atrás de si uma espantosa esteira de reconhecimento entre os que curou do corpo e do espírito».

Finalmente conta uma história que se vai nacionalizando:

«Nasceu uma Lourdes inglesa em Walsingham, no Norfolk. E este ano . . . 50.000 peregrinos (30.000 anglicanos e 20.000 católicos) amontoaram-se à volta do poço milagroso de Saint Walstan. Naturalmente, há sempre espíritos fortes. Em Walsingham, o Conselho do Condado decidiu gravemente que a água de Saint Walstan era perigosa. Mas os 50.000 peregrinos riram-se nas bochechas dos conselheiros. Beberam-na e não sentiram a menor perturbação. Em 30 de Maio passado, dia de Saint Walsthan, a mulher de um comerciante de Notingham, que estava de cama há anos, fez como o paralítico da Escritura: levantou-se e caminhou. O pedido da Igreja Metodista, o movimento dentro da Igreja Anglicana, a iniciativa do bispo de Lincoln e o gesto da raínha Isabel, não passam de preliminares do vasto movimento dos espíritos que agita a Inglaterra e que até o mais céptico e incrédulo não pode deixar de acompanhar sem uma sensação perturbada e ao mesmo tempo de real interêsse».

Não há dúvida de que dois princípios caminham a par nas necessidades quotidianas: a salvação dos corpos e a salvação das almas. Por isso, onde terminam as possibilidades médicas oficiais, continuam todas as outras que ofereçam esperança aos númerosos doentes que se encontram desenganados. Os industriais da terapêutica julgam que podem garantir-se

por meio de decretos e ordens policiais, mas tudo isso é *engano de alma ledo e cego*. O povo sabe que há recursos inesgotáveis; o que não há — diz êle — é o direito de obrigar alguém a submeter-se a tratamento médico que não esteja de acordo com a sua maneira de ver.

Ainda bem que as notícias de Londres são promissoras de nova época de liberdade contrária ao monopólio da ciência. Tudo o que é bom deve utilizar-se em benefício do homem. Se o povo é soberano, se a êle recorrem para eleger os chefes de Estado, porque o manietam sem condições à terapêutica, impedindo *A* e *B* de utilizar as mãos para curar ...

ESPIRITISMO NO BRASIL

Mocidade Espírita «Cairbar Schutel»

A Mocidade Espírita «Cairbar Schutel realizou nos dias 17, 18 e 19 de Setembro último, na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», uma festinha espiritual comemorativa do 7.º aniversário de sua fundação e do 86.º aniversário natalício do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, seu patrono espiritual. O aniversário da Mocidade transcorreu no dia 17 e o de Cairbar no dia 22 dêsse mês.

As festividades marcaram um dos mais notáveis movimentos espíritas realizados em Matão. A séde do Centro foi pequena para conter a assistência, que se tornou ainda maior no dia 19, domingo, quando compareceram confrades de outras localidades circunvizinhas. Inúmeras pessoas ficaram do lado de fóra por falta de lugares no Salão do Centro.

Foi desenvolvido o seguinte programa:

Sexta-feira, dia 17

Alocução — Leonor da Cruz Jorge.

«Cegueira Maternal», comédia, Maria Adelina, Carmen Torres, Cleide, Evani e Edeni Gonçalves.

«Ciumes», número de música pelos irmãos Casadei.

«Diálogo dos extremos», Adair e Paulo Pires.

«Monólogo do Cego», Sebastião Casadei.

Número de violão e bandolin, José Coelho e Joaquim Ranuncio.

«S. Francisco encontra Jesus», Elvirinha Perche Campêlo.

«La Cumparsita», José e Sebastião Casadei.

Canto, menina Livia Feloni.

Declamação, Eraide Gonçalves.

«O Séquito da Caridade», crianças da Aula de Moral Cristã.

Número de música, José Coelho e Joaquim Ranuncio.

«Saudades do Sertão», Joana Pedro.

«Almas Gêmeas», canto, Maria Adelina, Carmen Torres e Elvirinha Perche Campêlo.

«Caritas», dramatização, Sebastião Casadei, Evani Gonçalves e Silvia Lucia Urban.

«Amor e Fraternidade», hino, Mocidade Espírita.

Sábado, dia 18

Abertura e Prece pelo presidente da mesa sr. Onofre Batista.

Conferência pelo Dr. Jonny Doin, da Capital.

«Canção da Alegria Cristã», hino, pela Mocidade Espírita.

«Sôbre as ondas» número de música pelos irmãos Casadei.

«Duas Almas», Carmem Torres, Maria Adelina e Elvirinha Perche Campêlo.

Número de sanfona por Waldemar Cunha.

«Meu destino é Amar», canto, Evani e Edeni Gonçalves.

«Só para você», Carmen Torres e Maria Adelina.

«Irmãos Poderosos», dramatização, José Casadei, Fany Trolesi e Edeni Gonçalves.

«Hino a Allan Kardec», Mocidade Espírita.

Domingo, dia 19

Abertura pela Pres. da mesa Srta. Ermelinda Luiz Machado, da Capital, e

Prece pelo sr. Alexandre Barboza, de Araraquara.

Orlando Ayrton Toledo, representando Araraquara.

Conferência pelo Dr. Jonny Doin.

Declamação, Livia Feloni.

«Se», declamação de Elvirinha Perche Campêlo.

«Duas Almas» canto, Carmem Torres, Maria Adelina e Elvirinha Perche Campêlo.

«Saudades do Sertão», D. Joana Pedro.

«Saudades de Matão», valsa, irmãos Casadei, J. Coelho, Divino Rigueiro e Joaquim Ranuncio.

«Mentira» canto, Carmen Torres, Maria Adelina e Elvirinha Perche Campêlo.

«Caminho, Verdade e Vida», diálogo, Evani e Edeni Gonçalves.

«Meu Destino é Amar», canto, Evani e Edeni Gonçalves.

Prece de encerramento, Zélia Perche.

— No domingo, dia 19, uma caravana fez visita ao Lar Infantil «Cairbar Schutel». Nesse mesmo dia, às 17 horas, foi ofertado um lanche aos participantes da festa em casa da confreira D. Leonor da Cruz Jorge.

A Serviço da Doutrina

Comunicado do nosso representante em viagem, sr. Onofre Batista:

«Fiz palestras em São Sebastião do Paraizo e Santa Rita de Cássia, bem como em outros lugares anexos a estas duas cidades.

Viradouro: Eu e meu filho Jairo Batista fizemos palestras no Centro Espírita «Luz, Amor e Caridade», que ficou à cunha. E' presidente do Centro o esforçado confrade Antonio Cruz.

Mirassol: No dia 16 de Setembro último fiz palestra no Centro Espírita «Vicente de Paula», que está sob a direção do confrade Hugo Bortoluci. Fiquei de fazer nova palestra na minha volta do sertão.

Mogi das Cruzes: O Centro Espírita «Antonio de Padua» já distribuiu 1.112 enxovaizinhos a recem-nascidos. A direção do Centro está sob os cuidados dos incansáveis confrades Alvaro e Rafael. A Instituição mantém os seguintes benefícios: uma Escola Pública com professora do Governo; Sopa para os pobres, que funciona há três anos, dando no momento sopa a 80 pobres, o que não deixa de ser dificil na época atual em virtude dos preços elevados; uma Bibliotéca; Rouparia.

Os trabalhos são orientados dentro do Evangelho. Brevemente serão levantadas novas construções orçadas em mais de um milhão de cruzeiros. Além disso amparam um bom punhado de pobres; os confrades vivem com o suor de seu rosto. Ha poucos dias formaram uma caravana de 80 pessoas e foram a Santo Angelo. Todas as vezes que lá aparecem levam auxílios e livros espíritas para serem distribuidos, o mesmo acontecendo quando vão no Asílo de Poá. Muitas curas ali têm se realizado com o poder do Alto.

Frederico Duarte

Da Inglaterra acaba de nos chegar correspondência comunicando que há mais de 1 ano o nosso amigo e confrade, Frederico Duarte, acha-se acometido de cegueira, devendo ser internado num hospital de Manchester, onde será submetido a uma operação.

Só agora é que ficamos sabendo a razão pela qual êsse nosso distinto amigo e colaborador não nos dava notícias suas há mais de um ano.

Solicitamos a Deus para que êste seu servo, que sempre pregou a Imortalidade, seja feliz na operação e fique apto a continuar com o seu trabalho espiritual.

No Roteiro da Luz

Todos sabem que o campo da poesia, nos dias de hoje, não oferece atrativos para editores e livreiros.

Na vida intensa em que vivemos não sobra vagar e tempo para ler poesias.

Merece aplausos e ajuda, portanto, a LAKE—Livraria Allan Kardec Editôra Ltda., de São Paulo, que apesar de todas as dificuldades na venda de livros dêsse gênero, não se atemoriza, acabando de lançar um grande livro de poemas, que está fadado a amplo sucesso, porque tem o condão de nos afastar por algumas horas, do bulício da vida atual.

«No Roteiro da Luz», de autoria

de autoria de Da. Matilde Rocha Barros, é obra que nos faz pensar, que nos leva a refletir e meditar sôbre temas transcendentais, constituindo um repouso espiritual tão necessário as nossas almas e um estímulo, um incentivo forte para prosseguirmos na marcha evolutiva.

Impresso em ótimo papel bufante de 1.a, com vinhetas ilustrativas de três côres no texto e deslumbrante figura do Cristo na capa, belissima, impressa em «off-set», êste livro é o mais artisticamente apresentado até hoje na literatura espírita universal.

A autora destina os proventos integrais da venda dêste livro, para ultimar a edificação do prédio destinado a manter e educar criancinhas orfãs e abandonadas.

Conjugando a magnífica e espiritualizante poesia, a edição artisticamente impressa e os caridosos fins a que se destina o produto da venda dêste livro maravilhoso, autorizam a LAKE — Livraria Allan Kardec Editora Ltda., a aguardar carinhosa acolhida e ajuda de todos os espíritas do país.

Gratos pela oferta de um volume.

«Entre a Terra e o Céu»

A Livraria da Federação Espírita Brasileira acaba de nos ofertar um exemplar de «Entre a Terra e o Céu», a 8.ª obra que o esclarecido Espírito de André Luiz transmite à Terra por intermédio de Francisco Cândido Xavier. Tratando se de um autor cujas produções vão muito além dos parcos conhecimentos dos habitantes do plano terreno, autor muito conhecido e apreciado pelo ledor espírita, julgamos desnecessária a nossa recomendação. Entretanto queremos dizer duas ou três palavras sôbre êste monumental livro que o Alto acaba de nos enviar, com o objetivo de nos dar novos e importantes ensinamentos ou esclarecimentos sôbre a reencarnação, um dos pontos básicos da Justiça Divina.

Naquela sua linguagem simples, harmoniosa e embevecedora, André Luiz descreve, em forma de diálogo, que dá mais vida e entusiasmo ás narrativas, diversos fatos verificados entre encarnados e desencarnados, dando-nos uma idéia clara do valor da reencarnação no processo evolutivo do espírito na senda do aperfeiçoamento.

Através dessas narrativas podemos modificar o nosso modo de viver, pautando de acôrdo com a vontade de Deus, pois elas nos estimulam à uma vida santificante.

O livro contém 266 páginas e é prefaciado por Emmanuel, que, como André Luiz, faz parte ativa da Falange Celestial a que Jesus deu o nome de Parácleto.

Gratos pela oferta.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: cr. $ 35,00, e mais um cruzeiro para o porte e registo.

Programa Radiofônico Espírita Evangélico do Brasil

A «União Federativa Espírita Paulista», com séde à Avenida da Liberdade, 1034, Caixa Postal, 2071, em S. Paulo, tem a grata satisfação de levar ao conhecimento dos espíritas em geral que, no dia 7 de setembro, inaugurou solenemente, através da Rádio Progresso de São Paulo, o Programa Radiofônico Espírita Evangélico do Brasil, em sua terceira fase, sendo o mesmo transmitido diáriamente das 20 ás 21 horas, e aos domingos e feriados, excepcionalmente das 19,30 ás 20,00 horas.

A «Rádio Progresso de São Paulo», representa a revivescência da antiga Rádio Piratininga. As suas transmissões são feitas em ondas tropicais, na faixa de 62,83 Mts., frequência de 4.775 kilociclos, e tem o prefixo ZYR-81.

Mudança de séde da UMESP

A «União da Mocidade Espírita de S. Paulo» (UMESP) comunica aos confrades, Mocidades e entidades espíritas em geral, que transferiu sua séde da rua S. Bento 405, 6.º andar, para a rua Santo Amaro, 362, séde do Instituto Espírita de Educação, para onde deve ser enviada qualquer correspondência. O horário de reuniões, nesta séde provisória, será: ás 3.ªs feiras, 20,30 hs. — reunião de estudo e ás 4.ªs feiras, 20,30 hs. — bibliotéca, onde aguardamos, com prazer, a visita de todos.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Entre a Terra e o Céu
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Gotas de Luz
Ave Cristo
Pão Nosso
Emmanuel
Renúncia
Roteiro
Voltei
Pai Nosso
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Palavras de Emmanuel
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
As Noúres
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
Tem Razão?
Novos Rumos à Medicina - 1.° e 2.° vs.
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Reencarnação
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo
No Invisível

Romances:

A Granja do silêncio
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
O Solar Fatídico
A Lenda do Montinhoso
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Vítimas do Preconceito
Vingança do Judeu (A)
Eleonora
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores
Mansão Renoir

Infantís:

Os milagres de Jesus
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Contos Infantís Espíritas
Pai Nosso
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura	simples	Cr.$ 50,00
	Semestre —	,,	,,	25,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura	registrada	60,00
	Semestre —	,,	,,	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	simples	55,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	registrada	70,00

NUMERO AVULSO CR. $ 4,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro